



## **HORTA MANDALA: TECNOLOGIA SOCIAL PARA INCENTIVO À AUTONOMIA ECONÔMICA DE MULHERES DO CAMPO EM CARUARU-PE**

Akila Crisielly Passos Araújo<sup>1</sup>  
Juliana Gouveia Alves da Silva<sup>2</sup>,  
Juliana Pereira da Silva<sup>3</sup>,  
Rafaella Santos da Silva<sup>4</sup>  
Renata de Sá Mendonça<sup>5</sup>

### **Resumo.**

Este artigo tem por objetivo descrever a experiência da implementação de tecnologia sustentável e formação sociopolítica para mulheres do campo, através do curso: Horta Mandala para mulheres de Caruaru. A efetivação da horta mandala, que foi vivenciada na comunidade Carneirinho, localizada no segundo distrito da zona rural do município de Caruaru-PE. O curso foi ofertado através da Secretaria de Políticas para Mulheres de Caruaru, Projeto MULHER QUE FAZ, que integra o QUALIFICA CARUARU, programa de incentivo a qualificação profissional de mulheres, com foco na garantia de direitos, promoção de igualdade de gênero e formação sociopolítica. Serão relatados aqui, os resultados obtidos através da educação ambiental com base em agroecologia, que resultou em produção agrícola, comercialização nas feiras livres municipais. A aplicação da formação sociopolítica para mulheres, que incentivou a autonomia, autoconfiança, inserção nos temas do feminismo, suas vertentes, apresentando os acontecimentos resultados em direitos das mulheres, sobre a luta para a conquista e manutenção desses direitos. Esses temas foram relevantes, pois a população rural muitas vezes não tem acesso a essas informações. Acima de tudo, a realização das mulheres pelos objetivos alcançados no projeto. No curso, as mulheres aprenderam que é possível conviver com imposições climáticas, com plantios com base técnica agroecológica, como também criação de aves, com suporte técnico quanto a vacinação, prevenção de doenças através do resgate de técnicas alternativas.

**Palavras chave:** Mulheres; Horta Mandala; Formação Sociopolítica; Caruaru

<sup>1</sup> ARAÚJO, Akila Crisielly Passos Araújo, acadêmica em Serviço Social (Maurício de Nassau-Caruaru/Pe)

<sup>2</sup> SILVA, Juliana Gouveia Alves, Mestra em Direitos Humanos (CAC/UFPE), Especialização em História do Brasil, Licenciada em História (FAFICA)

<sup>3</sup> SILVA, Juliana Pereira, Doutora em Agronomia (UFPB), Mestra em Agronomia (UFPB), Eng<sup>a</sup> Agrônoma (UFRPE)

<sup>4</sup> SILVA, Rafaella Santos, Téc. Agroecologia (SERTA-PE), Acadêmica em Administração (UNIP-PE)

<sup>5</sup> MENDONÇA, Renata de Sá, Especialista em Educação para Direitos Humanos (UFPE), Especialista em Gestão Pública (IFPE), Administração (UFPE)

## 1. INTRODUÇÃO

Embora o feminismo de qualquer tipo seja para liberdade de mulheres, a mulher do campo permanece mais invisibilizada (Sampaio, 2020). A invisibilidade da garantia de direitos das mulheres no campo existe e precisa ser enfrentada, representatividade, autonomia econômica, enfrentamento a violência são pautas que ainda estão distantes de muitas das mulheres camponesas de nosso país (SALES, 2007). As mulheres que vivem no campo continuam invisibilizadas, em muitos contextos, mesmo que estejam plantando, colhendo, conservando o solo, protegendo as lavouras das pragas, coletando os frutos e cultivando, ao mesmo tempo dão conta do trabalho doméstico, onde cuidam dos seus filhos, da comida, da casa e do quintal (Lisboa & Lusa, 2010). Assim compreende-se ser necessário incentivar a formação sociopolítica para as mulheres do campo, visando contribuir para o exercício da cidadania plena, de sua autonomia e garantia de seus direitos.

A Secretaria de Políticas para Mulheres, do Município de Caruaru, implementou em 2019 o projeto “Horta Mandala das Mulheres de Carneirinho”, com o intuito de incentivar a inserção no mercado de trabalho, autonomia econômica e garantia de direitos das mulheres rurais. Contou com o apoio da Associação das (os) Agricultoras (es) dos Sítios Carneirinho e Baixio de Itaúna, organização esta, que é idealizada e gerida pelas mulheres produtoras rurais do Sítio Carneirinho, localizado na zona rural de Caruaru-PE. O projeto também contemplou a comunidade Serra dos Cavalos, primeiro Distrito rural, que contou com a parceria da comunidade Hare Khrisna.

O sistema de horta mandala, que é usada em vários projetos, a exemplo o PAIS (Produção Agroecológica Integrada) é fomentado por diversos órgãos, apoiado pelo Sebrae e diversos parceiros, foi desenvolvida pela Embrapa, e em Caruaru o sistema foi base para o projeto “Mulher que Faz: Visibilidade e Trabalho Feminino”, fomentado pela Prefeitura Municipal de Caruaru, é o ambiente perfeito para desenvolver a percepção de sustentabilidade, e eleva o entendimento quanto a importância da ação de toda uma comunidade na preservação ambiental. O projeto foi palco para disseminação da

permacultura na comunidade havendo a montagem de forma colaborativa da horta no sistema mandala. Um sistema como esse oportuniza a união de pessoas para produção de renda, e disseminação de agroecologia, bem como, criar uma consciência ambiental e coletiva no público assistido, e ainda contribuir para a autonomia das mulheres.



Figura 1. Escolha do local



Figura 2. Estrutura finalizada

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

Segundo o EMBRAPA (2020), o Brasil alcançou cerca de 1 (um) milhão de propriedades rurais dirigidas por mulheres. A partir do Censo Agropecuário de 2017, o IBGE identificou 947 mil mulheres responsáveis pela gestão de propriedades rurais, de um universo de 5,07 milhões, a maioria está na região Nordeste (57%).

A partir da construção social das relações de gênero, as divisões dos papéis sociais se naturalizam por meio da construção de valores, comportamentos e símbolos que impõem uma condição desigual e desprivilegiada da mulher em relação ao homem (Bourdieu, 2002; Hernández, 2009), principalmente quando se retrata a mulher do campo. Ainda assim, elas resistem e vêm se inserindo mais e mais em movimentos sociais, buscando avançar com políticas públicas, a fim de buscar o desenvolvimento rural, que abranja também a questão de igualdade de gênero.

Dentro deste contexto, se evidencia uma situação que infelizmente é a realidade de milhares de mulheres, onde poucas têm acesso a terra como propriedade, das que tem, nem todas conseguem produzir com qualidade, e é menor ainda o número das que tem suporte de alguma política pública para melhoramento da produção. Desta forma, fica evidente a necessidade de uma atenção maior, e oferta de assistências voltada exclusivamente para mulheres rurais.

Existe uma normalização na distribuição das tarefas no espaço rural, cabendo às mulheres as atividades domésticas e reprodutivas e aos homens as atividades financeiras e produtivas. Ocorre uma exclusão da mulher no conhecimento das tecnologias agropecuárias e da sua participação nas decisões, as quais são atribuídas ao marido, além

da desvalorização do seu trabalho, o qual é considerado como uma “ajuda” sem direito à remuneração (Siliprandi, 2015).

As Tecnologias Sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego (SOUSA et al., 2017) Em um contexto político e social, em que emergem interesses na elaboração de políticas sociais inclusivas, os processos, técnicas e metodologias desenvolvidos na interação com a população representam uma alternativa para facilitar a inclusão social e a melhoria na qualidade de vida (CHRISTOPOULOS, 2011).

A maioria das tecnologias sociais é voltada para armazenamento de água, seja de chuva ou outras águas, sendo fundamental para garantir a segurança hídrica no período de estiagem. Algumas destas tecnologias de armazenamento vieram através de mobilização das organizações sociais que levaram as discussões a importantes reuniões e apresentaram um panorama da situação difícil, vivida por mulheres e homens do campo, que são historicamente vítimas da indústria da seca. Entretanto, outras tecnologias sociais visam a subsistência das famílias no campo, como a horta mandala.

A agroecologia, nas palavras de Moura (2018), estuda a natureza para fazer com ela o que lhe faz bem, proporcionando satisfação, sustentabilidade, beleza e harmonia em diversas esferas. É uma ciência jovem, surgiu nos últimos anos, e foge aos paradigmas tidos como “comuns”, tenta estabelecer uma relação de amizade e colaboração com a natureza, com harmonia, respeito, amorosidade e cooperação. A agroecologia, que não separa a ciência da filosofia, mas se constitui como ciência, filosofia, prática de vida e movimento social, e ensaia um paradigma novo em relação ao positivismo tradicional da ciência. Mais do que simplesmente tratar sobre o manejo ecologicamente responsável dos recursos naturais, constitui-se em um campo do conhecimento científico que, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, pretende contribuir para que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social e ecológica, nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência.

Compreende-se que a agroecologia é uma forma de produção e de estudo que visa o equilíbrio dos ecossistemas, viabilidade econômica e social, trazendo a sustentabilidade

ao agroecossistema, com ferramentas de cultivo e produção adaptáveis ao ambiente em que a propriedade agrícola está inserida. Como princípios básicos, traz a conservação da biodiversidade do ecossistema e a preservação da vida no solo, garantindo assim, fertilidade sem uso de insumos químicos. Busca também o cultivo de maneira inteligente, variedades adaptadas ao clima e tipos de solo. Cultivar seguindo estes princípios pode garantir uma produção saudável, pois aproveita o que se tem de melhor no entorno, minimizando gastos com transporte e aquisição (CAPORAL, 2009). Deste modo, a escolha da área do projeto foi pela adversidade do clima, por se encontrar no bioma da caatinga, escassez do recurso hídrico, e por ser uma tecnologia que é adaptável em todos os sistemas, bem como pela formalização das mulheres do sítio carneirinho na associação de pequenos agricultores (as) da comunidade, e que buscam sempre a qualidade de vida para suas famílias.

## **2. A MULHER DO CAMPO**

A discussão na temática sociopolítica para as mulheres rurais ajuda significativamente na promoção da autonomia das mulheres, valorização da mulher do campo, representatividade, promoção do desenvolvimento sustentável, melhorando e otimizando a produção das mesmas, atraindo público consumidor específico a elas, além de contribuir para a sua identidade e fortalecimento.

A resistência cotidiana das mulheres às formas de dominação e exploração alimenta o movimento em diferentes dimensões. Moraes et al., (2018), afirma que “o feminismo é um apoio à dimensão individual da emancipação, à auto constituição como sujeito da própria vida, e, ao mesmo tempo, um instrumento para o enfrentamento coletivo da dominação e exploração das mulheres”.

A teoria crítica feminista fortalece a luta das mulheres enquanto sujeito político de direitos, que se materializa pelo direito à fala, à terra, à água, ao território, no acesso às políticas públicas e no processo de autodeterminação de seus corpos, na luta por autonomia, na construção de outras formas de economia, pelas relações de solidariedade, reciprocidade, pela prática do cuidado, amorosidade e sororidade, pela construção de outros mercados, no reconhecimento dos bens comuns como indispensáveis à vida, à natureza como nossa mãe e irmã, aos saberes descolonizados e ecológicos e assim, na luta contra todas as formas de violências. (FARIA e MORENO, 2017).

A jornada cotidiana da mulher no meio rural é subestimada pela sociedade, uma vez que muitas das atividades exercidas por elas não se enquadram nas categorias aceitas e reconhecidas formalmente pela sociedade em torno do conceito de trabalho (FARIA, 2009). Neste sentido, pode-se considerar o trabalho da mulher como um conjunto de atividades invisíveis à sociedade, que, apesar disto, ultrapassa em muito as práticas estritamente vinculadas ao trabalho doméstico.

As agricultoras familiares também realizam atividades produtivas, como o plantio e a colheita da produção para o autoconsumo da família, a ordenha de vacas, a produção de queijo e pão e também práticas orientadas para a pequena escala de comercialização de produtos agrícolas. Mesmo quando realiza atividades voltadas para o fim produtivo da agricultura, designadas geralmente como “masculinas”, a mulher é vista como uma “ajudante” e normalmente recebe baixa remuneração (ou mesmo nenhuma remuneração) por seu trabalho. As atividades agrícolas exercidas por elas são vistas como uma extensão intrínseca às suas atribuições de mãe e esposa (BRUMER, 2004).

Mas esse problema se agrava na medida que esse discurso que se repete, contribuído para que as próprias acreditem e repliquem, inclusive com as próprias filhas e filhos, o que gera nas mulheres um ciclo infundável de opressão. Kosminsky e Santana (2006) discutem a expressão da organização patriarcal da família brasileira na qual ao homem é atribuído o papel de provedor, guardião do lar e à mulher a responsabilidade pelo cuidado com a casa e os membros da família. E, na ausência da dona da casa, atividades como limpar, lavar, passar, cozinhar e tomar conta das crianças menores são exercidas por meninas.

### **3. RELATO DE EXPERIÊNCIAS DA HORTA MANDALA**

O clima e a descrença por parte da comunidade na região foram desafios no início, pois o sítio Carneirinho está localizado no segundo distrito da cidade Caruaru, que está em uma região cujas chuvas são escassas, e de solo raso. Observa-se ainda nesta comunidade uma imensa concentração de rochas, de maneira que o local é demasiadamente seco e, portanto, considerado impróprio para produção de hortaliças. Apenas lavouras sazonais eram cultivadas, ocorrem de maneira convencional, sofrendo com os efeitos da degradação de solo, consecutivos ataques de pragas, e perda da fertilidade da terra.

Na localidade, pode-se observar que existiam tecnologias sociais desenvolvidas e implantadas por órgãos que trabalham com o desenvolvimento local rural, a exemplo dessas tecnologias estão as cisternas de 1ª e 2ª água e biodigestores, além de barreiros. Com a implantação da horta mandala ou PAIS (Produção Agroecológica Integrada), algumas ferramentas foram usadas para sua implementação, como o uso de composteira aproveitando restos de alimentos para a adubação dos canteiros, restos de palhagem para cobertura dos canteiros, retirada de madeiras secas da área para utilização no galinheiro, confecção de bebedouros e comedouros com a reutilização de materiais recicláveis disponíveis na comunidade, defensivos alternativos agrícolas com receitas caseiras, irrigação por gotejamento com a utilização de garrafas PET. Os insumos foram disponibilizados pelo projeto através da Secretaria de Políticas para Mulheres, Prefeitura Municipal de Caruaru, desde a contratação dos professores, lanche para as estudantes, insumos, ferramentas, sementes, tela para o galinheiro, pintinhos, etc. As aulas teóricas foram ministradas na sede da Associação de Carneirinho e Baixio de Itaúna.



Figura 3. Produção com irrigação com garrafas PET, canteiros de pneus

A participação das mulheres na comunidade Carneirinho, situada na zona rural de Caruaru-PE, com características de semiárido, foi o ponto principal na efetivação desse projeto. O curso Horta Mandala das mulheres de Caruaru, com carga horária 150h, foi através de processo licitatório, fomentado pela Prefeitura Municipal de Caruaru, por acreditar numa política de inclusão, através da Secretaria de Políticas para Mulheres que acompanhou e deu as diretrizes para o desenvolvimento do mesmo.

O projeto contou com a participação de 16 (dezesesseis) mulheres agricultoras moradoras do Sítio Carneirinho. Por ser um projeto pioneiro na localidade, algumas dificuldades foram observadas, além da resistência dos companheiros, por não acreditarem em um projeto só para mulheres, e da retirada dessas mulheres de seus

afazeres, bem como da quebra de alguns paradigmas inseridos no cotidiano delas, como o machismo e o patriarcado pelo qual foram criadas e educadas.

Parte do grupo não acreditava na própria capacidade, por estar inserida a lógica machista, o que dificultou a realização de algumas tarefas, pois comumente é ensinado que mulheres são incapazes. Não acreditar em si ou se tornar dependentes dos homens é a lógica da sociedade que precisamos romper e a semente foi plantada na vida dessas mulheres. Eram completamente dependentes da “ajuda” do companheiro (palavras delas), com isso, foi necessário incentivar a autoconfiança necessária para lidar com a situação, mudando suas concepções da necessidade de ajuda masculina para operar martelo, pregos, foice, entre outras ferramentas de trabalhos antes identificados como exclusivamente utilizados por homens.

Através do curso as mulheres foram reconhecendo situações e aprendendo que há formas de correções de solo e fertilidade, variedades de hortaliças que têm necessidades distintas, se adaptam bem ao clima quente, essa perda de água por evaporação, seria minimizada através da aplicação de técnicas agroecológicas de cobertura de solo. Começaram a desenvolver técnicas de rotação e consorciação de culturas, no cultivo da horta e de outros cultivos, gerando assim, melhoria significativa nos rendimentos das colheitas. Ao final do curso, no momento da formatura, as mulheres receberam um kit profissional relacionado com o curso proposto, contendo uma enxada, um regador, sementes de diferentes hortaliças e frutas, um conjunto de jardinagem (ancinho, pá pequena, garfo pequeno). O kit foi disponibilizado para as alunas com o intuito de que elas pudessem dar continuidade às atividades desenvolvidas por elas no curso, e para que elas continuassem o cultivo para a segurança alimentar de sua família e o excedente para geração de renda.

Os relatos durante o processo sempre foram de satisfação, uma das estudantes, líder referência na comunidade, afirmou que “a Horta Mandala representa a construção de uma coletividade, que proporcionou a autonomia de mulheres rurais as inserindo em debates acerca da inserção delas nos espaços públicos e as implicações no espaço doméstico, de produção, comercialização e renda.” Outra palavra importante foi a sustentabilidade tão buscada, um relato de outra estudante foi: “aprendi o que representa sustentabilidade e vou buscar aplicá-la na minha casa e na minha vida, o cultivo inteligente, agora sei o que é agroecologia”. Outra aluna dedicada se disse muito feliz por ter participado do curso, pois irá usar principalmente as técnicas de adubação nas suas



plantas ornamentais, “meu jardim vai ficar ainda mais bonito depois de usar a compostagem”.

No âmbito social, após a participação no projeto houve a participação política de uma aluna, que se candidatou a vereadora do município, por entender que ela poderia articular e desenvolver políticas públicas para a região, e incentivar a representatividade da mulher do campo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Contribuir com a visibilidade da mulher do campo no espaço público representa rupturas com estrutura patriarcal brasileira que persiste, por isso, a partir da efetivação da Horta Mandala, foi possível incentivar a construção de novas identidades femininas no campo, através da formação sociopolítica que promove o conhecimento da garantia de direitos das mulheres, com discussões, palestras, aulas, vivência, que correu em 2019, através do curso de “Horta mandala das mulheres de Caruaru” ofertado para as mulheres do Sítio de Carneirinho através da Secretaria de Políticas para Mulheres de Caruaru-PE.

Além de perceberem no cotidiano o machismo e o patriarcado na medida em que os homens da comunidade não viam com bons olhos um grupo de mulheres executando os trabalhos que não fossem os domésticos na medida em que todo o projeto foi executado pelas mulheres de maneira a não depender dos mesmos. Foram realizadas formações sobre autonomia, garantia de direitos humanos, desnaturalização das desigualdades entre homens e mulheres, divisão sexual do trabalho e autonomia econômica. Direitos civis e coletivos, autonomia social, política produtiva e econômica, discriminação no mundo do trabalho: gênero, sexo, raça e etnia, classe, idade e orientação sexual, diferenças salariais e práticas de assédio sexual e moral, enfrentamento a violência contra a mulher, e algumas dinâmicas discutindo de maneira lúdica quanto a situação vivida, e normalizadas, com isso, algumas delas passaram a refletir sobre a situação vivada, das várias violações de direitos das mulheres e sobre a necessidade de modificar a estrutura patriarcal e machista.



Figura 4. Momento de sala de aula



Figura 5. Planejamento e prática de compostagem

O projeto possibilitou que as mulheres desenvolvessem novas técnicas de cultivos sustentáveis, conhecimento e, com a venda dos seus produtos, as mulheres agricultoras da região passaram a desempenhar um papel importante na produção e economia local, o que contribuiu para a sua permanência na área rural e construção de novas identidades femininas no campo. As mulheres produtoras do projeto Horta Mandala em Carneirinho tiveram oportunidade de produção no quintal produtivo próximo às suas residências, e comercialização na feirinha agroecológica que acontece toda quinta-feira no centro da cidade de Caruaru-PE.

Em março de 2020, a ONU Mulheres concedeu uma menção honrosa ao projeto. A organização pontua na página que a Horta Mandala de Mulheres de Carneirinho recebeu uma menção honrosa na categoria mulheres agricultoras em razão do concurso “Inovar para mudar: a autonomia das mulheres rurais e sua contribuição para reduzir a pobreza e a insegurança alimentar”.



Figura 6. Menção Honrosa ONU Mulheres

Neste momento de pandemia, o incentivo à agroecologia desempenhada pelas mulheres trabalhadoras do campo pode representar um exemplo inspirador de uma abordagem sistêmica, visto que, a produção de alimentos saudáveis e a importância do estímulo à autonomia social e econômica das mulheres, demonstra como a agroecologia,

quando bem praticada sem o uso de pesticidas e com princípios sustentáveis, pode promover a saúde e desenvolver oportunidades de mercado locais equitativas, regidas pelos princípios da economia solidária e da igualdade entre homens e mulheres.

Neste sentido, o que se pensa é replicar esta prática, em outras comunidades, ao mesmo tempo, construindo novos conhecimentos para que estes sejam difundidos e socializados com as mulheres e seus familiares, bem como resgatar formas de cultivos anteriormente perdidas pela população. Desta forma, não só as mulheres, mas também seus familiares e comunidade são beneficiados, de forma direta ou indireta, através das atividades e produção desempenhada pelas mulheres da Horta Mandala.

A Horta Mandala representa a possibilidade de autonomia financeira, social e econômica das mulheres rurais, por isso, o objetivo do projeto foi proporcionar autonomia financeira à mulheres agricultoras da zona rural, na medida em que as próprias mulheres passaram a construir a sua horta mandala; recolhendo materiais da região, plantando, cultivando e comercializando os seus próprios produtos.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. (2002) *A dominação masculina* (2. ed., 160 p.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Revistas de Estudos Feministas*. Florianópolis, 2004.

CAPORAL, Francisco Roberto Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: 2009.

CHRISTOPOULOS, Tânia P. "Tecnologias sociais." *RAE*, vol. 51, no. 1, 2011, p. 109.

EMBRAPA. 2020. Embrapa, Mapa, Embrapa e IBGE apresentam os dados sobre mulheres rurais. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais> ACESSADO EM: 19/02/2021, 15:35 pm

FARIA, N. Economia feminista e agenda de lutas das mulheres no meio rural. In: BUTTO, A. (org) *Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília: MDA, 2009.

FARIA, N., MORENO, R. Desafios feministas para enfrentar o conflito do capital contra a vida – nós mulheres seguimos em luta! 2017. Disponível: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Portugue%CC%82s-web.pdf>. Acesso em 30/03/2021.

HERNÁNDEZ, C. O. (2009). *Política de crédito rural com perspectiva de gênero: um meio de “empoderamento” das mulheres rurais?* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

KOSMINSKY, E. V.; SANTANA, J. N. Crianças e jovens e o trabalho doméstico: A construção social do feminino. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 227-236, jul./dez., 2006.

LISBOA, T. K., & LUSA, M. G. (2010). Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero – Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3), 871-887.

MORAES, Lorena Lima de; JALIL, Laeticia Medeiros; SANTOS, Janaína Henrique dos; COSTA, Michelly Aragão Guimarães; OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima. *Pedagogia Feminista como processo educativo para a reflexão da política pública de ATER no Nordeste*. *Revista Interterritórios*, V.4, N.6, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru-PE, 2018.

MOURA, Abdalaziz. 2018. O que a natureza ensina, Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/o-que-a-natureza-ensina-agroecologia-por-abdalaziz-moura-do-serta>. ACESSADO EM: 18/02/2021,

SALES, C. M. V. (2007). Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. *Revista Estudos Feministas*, 15(2), 437-443.

SAMPAIO, C. Conheça o feminismo popular, pauta das mulheres sem terra, Brasil de fato, 2020. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/08/conheca-o-feminismo-campones-popular-pauta-das-mulheres-sem-terra> Acessado em fev 2021

SILIPRANDI, E. (2015). *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas* (352 p.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

SOUSA, A. B. C.; FERREIRA, C.T.; FIRMINO, P. R. A.; BATISTA, V. S. *Tecnologias Sociais De Convivência Com O Semiárido Na Região Do Cariri Cearense*. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 197-220, maio/ago. 2017